

OS TEXTOS LITERÁRIOS NAS REDES SOCIAIS: O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO AUTOR EM *MENSAGENS COMPARTILHADAS* NO FACEBOOK

Pâmela da Silva Rosin¹

Resumo: A multiplicação do compartilhamento de “frases” atribuídas a diversos autores na internet, principalmente, nos sites de redes sociais, tem suscitado a discussão da questão autoral. No entanto, não é apenas em seus direitos que o discurso emerge, mas também em questões relativas ao funcionamento da autoria. Em nossa pesquisa, nos dedicamos à análise dessas “frases” que chamamos genericamente de *mensagens compartilhadas* e de seus comentários em páginas do Facebook. Para tal, a partir de pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, em especial nos trabalhos de Michel Foucault acerca da “função autor”, em alguns princípios da História Cultural da Leitura e das permanências e mutações por que passam nossas práticas de leitura na atualidade, levantaremos alguns indícios desse *novo leitor-autor* que emerge com as novas tecnologias digitais.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Redes Sociais; Autoria; História Cultural da Leitura.

Abstract: The increase share of "phrases" attributed to different authors on Internet, mainly, social networks, has raised discussion about authorship. However, it is not just about rights that the discourse are raised, but also in the questions related of authorship functioning. In our research, we dedicate to analysis these “phrases” that we called *shared messages* and the comments in Facebook pages. To that, we rely on theoretical principle of Discourse Analysis, especially in Michel Foucault works about “author function”, in some principles of Cultural History of Reading and continuities and changes that our reading practices nowadays undergo, so we would raise some evidence the profile of this *new reader/author* who emerges with the creation and diffusion of digital technologies.

Keywords: Discourse Analysis; Social Networks; Authorship; Cultural History of Reading.

Considerações Iniciais

Fica evidente em nossas relações cotidianas a importância dos sites de redes sociais tais como Facebook, Twitter, Orkut, entre outros, na produção e proliferação de textos das mais diversas origens como fora exposto nas apresentações de comunicação na Associação

¹ Mestranda em Linguística, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED)² realizada em junho de 2014 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e também, na mesa-redonda *Discurso e web*³. A partir, especificamente da fala do Prof. Dr. Wander Emediato, este artigo se aproxima do que foi colocado acerca das *aforizações*⁴ presentes nas redes sociais, em páginas ou perfis de usuários.

O modo como essas aforizações que estão presentes nas redes sociais (Facebook) são tomadas evidenciam a apropriação contemporânea de determinados textos, em sua grande maioria literários (ou ditos como tal), por usuários de sites de redes sociais que não se apropriam do texto em sua totalidade e seus suportes de origem, mas em forma reduzida que se assemelha a “minutos de sabedoria” ou a mensagens de autoajuda. As aforizações, neste caso, são versos, frases ou enunciados diversos que tem origem ou são atribuído a obras de autores consagrados, tanto nacional como internacionalmente, sendo disponibilizados nestes espaços (páginas e perfis da rede) de forma destacada de seu texto de origem e também de forma estilizada, com imagens e fontes diversas.

Neste artigo, como em nossa pesquisa, levamos nosso olhar para a interação entre o site de rede social e a leitura. Essa relação se dá, a partir das mutações por que passam nossas práticas de leitura e escrita na rede, e dos suportes em que os textos circulam, isto é, um texto fragmentado, não contínuo, disposto na tela dos computadores e outros dispositivos eletrônicos. No entanto, se faz necessário ressaltar, que mesmo guiados pelos novos dispositivos, ainda são as regras do impresso que regem o modo de apropriação desses textos:

com a estrutura absolutamente inaudita da disposição do texto na tela existe sempre o esforço para impor nossos critérios e estruturas, pertencentes ao livro impresso, sobre o texto eletrônico [...]. Desta maneira, há em todo momento uma espécie de vontade, consciente ou inconsciente, de domesticar uma nova profissão, uma nova forma de livro, uma nova forma de suporte do texto, a partir do que era tradicionalmente conhecido e manejado com familiaridade. Estas defasagens são um tema importante. Em relação à tela como suporte do texto ou de multimídia, vemos esta domesticação por meio das categorias e critérios que ainda são os do livro impresso (CHARTIER, 2001, p. 149).

² www.aledbrasil.ufscar.br

³ A mesa-redonda foi composta pelos professores doutores Wander Emediato de Souza (UFMG), Lucília Maria Abrahão e Souza (USP-RP/CNPq), Vanice Maria de Oliveira Sargentini (UFSCar/LABOR) e Pedro Navarro Barbosa (UEM/CNPq).

⁴ Para Maingueneau, “a *aforização* ou mais precisamente, a enunciação aforizante – confere um estatuto pragmático específico a um enunciado desprovido de contexto.” (MAINGUENEAU, 2011, p.16), isto é, se compararmos frases destacadas de textos e as “mesmas” frases em seu contexto original verificamos, que em muitos casos, o enunciado sofre alterações quando é destacado, sendo que essas alterações muitas vezes são consideráveis. Maingueneau, nos alerta para o fato de não confundirmos *aforização* com *sobreasservação*, tendo em vista que diferentemente da sobreasservação (enunciados breves com estatuto de um condensamento em que sua posição textual permite seu destacamento), a aforização atribui à citação um novo estatuto.

A forma de distribuição dos textos na tela faz com que eles sofram uma certa homogeneização, ou seja, todos os textos são recebidos pelo mesmo meio, desfazendo a sua forma material que permitia distingui-los e categorizá-los (livro, revista, jornal, folha de papel avulso etc.). Isso produziu, sem dúvida, uma quebra nas hierarquias que já se encontravam relativamente estabilizadas na cultura impressa:

“Forms effect meanings”, escreve D.F. McKenzie: a lição a ser aprendida nos alerta contra ilusão que reduz erroneamente os textos a seu único conteúdo semântico. Passando do códex à tela, o “mesmo” texto não é mais o mesmo, e isso porque os novos dispositivos formais que o propõem a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão. (CHARTIER, 1999, p.91-92).

Logo, os textos, especificamente, as “frases” que circulam nos sites de redes sociais sendo atribuídas a autores consagrados, não são o “mesmo texto” que antes circulavam nas obras impressas, tendo em vista que além das modificações que passam (seleção, recorte e adaptação) são recebidos e compreendidos, isto é, apropriados diferentemente por esses *novos*⁵ leitores.

Enunciados destacados: as mensagens compartilhadas

Neste artigo, abordaremos as questões presentes na pesquisa de mestrado que ora iniciamos, trazendo discussões suscitadas durante nossa graduação em dois momentos, tanto no Projeto de Iniciação Científica⁶ quanto no Trabalho de Conclusão de Curso⁷, quando dedicamo-nos à análise das *mensagens compartilhadas* que circulam no site de rede social Facebook. Consideramos como *mensagens compartilhadas* os enunciados destacados oriundos de obras literárias que passam a circular em um novo ambiente, assumindo um

⁵ Não entendemos ‘*novo leitor*’ como aquele que acabou de ser alfabetizado, mas como “aqueles que, em diferentes períodos da história, tiveram acesso a textos que não lhes tinham sido originalmente destinados, por pertencerem a grupos sociais distintos daqueles dos produtores dos textos e dos leitores por estes visados. Assim, esses textos, oriundos de um espaço cultural muitas vezes elitizado cujos valores, modelos e formas de interpretação eram, em alguma medida, estranhos a leitores populares, mas por razões de produção e circulação editorial inesperadas, chegaram às mãos destes seus novos leitores. (CURCINO, 2012, p. 2)”. Para maior aprofundamento conferir Hébrard (2009), disponível em: www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/Hebrard4.pdf

⁶ *Práticas de escrita e de leitura na rede: uma análise de mensagens compartilhadas e dos procedimentos de sua formulação e circulação linguístico-discursivas*. Bolsa CNPq – Processo N. 138935/2012-2 vigência de agosto de 2012 a julho de 2013.

⁷ “*Eu não disse isso*”: uma análise do funcionamento de autoria nas mensagens compartilhadas de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector.

estatuto diferente do que figuravam anteriormente, isto é, em páginas de redes sociais, sendo compartilhadas por seus usuários em seus perfis, murais e murais de amigos. Essas *mensagens* são compostas também de imagens que visam a construção de um texto sincrético, como pode ser observado no exemplo abaixo:



Figura 1 - Fonte: <http://migre.me/jTIMC>

Na figura acima, trazemos um exemplo de *mensagem compartilhada* da página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*⁸, que é composta, normalmente (em alguns casos o enunciado é inserido na imagem), de um enunciado destacado figurando ao lado da imagem e abaixo do fragmento de texto a atribuição de autoria realizada entre parênteses. É possível, através de estruturas disponíveis nas páginas do Facebook, “curtir” de modo a sinalizar a aprovação à *mensagem*, “comentar” de modo a concordar ou discordar da mensagem ou até mesmo da atribuição de autoria, etc., e “compartilhar” essas *mensagens* em seu próprio perfil, mensagens inbox⁹ ou em murais de amigos. Tanto na opção de comentar ou compartilhar a *mensagem* é possível a marcação de amigos no interior da postagem. Neste exemplo, podemos observar também a relação de homologia entre o enunciado verbal e imagético, sendo que a escolha da imagem visa uma “tradução” ou até mesmo uma memória daquilo que é enunciado no texto verbal.

⁸ Disponível em: www.facebook.com/mundodecaioeclarice?fref=ts. Acesso em: 23 de mai. 2014.

⁹ São mensagens privadas que podem ser visualizadas apenas por aqueles que são o(s) destinatário(s).

Em nossa coleta de *corpus* observamos uma certa flutuação na composição dessas *mensagens*, que ora, os enunciados destacados são inseridos na imagem, ora são ilustrações que a compõem, ou ainda, apenas um fundo branco no qual são inseridos os enunciados destacados com a utilização de fontes estilizadas e diversas. Além da constituição das *mensagens compartilhadas* quanto a sua estruturação, há também uma seleção temática de enunciados que figuraram nas páginas que se dedicam a produção/divulgação dessas *mensagens*. Essa seleção temática permite sua aproximação com um campo de recepção diferente do qual esses enunciados figuravam anteriormente.

Durante nossas pesquisas anteriores, observamos que as *mensagens compartilhadas* se dividem em três temáticas principais, que em alguma medida, se aproximam do campo de recepção da *autoajuda*. Essas temáticas principais são sinalizadas pelos produtores das mensagens através do recorte temático que fazem em sua seleção:

a) **mensagens de autoconhecimento** – as mensagens que figuram nessa categoria são explicitamente voltadas para autoajuda, cujo conteúdo permite a busca e a motivação do autoconhecimento;

b) **mensagens de cunho religioso** – são mensagens que possuem termos relativos à busca espiritual ou conteúdo relativo à palavra Deus;

c) **mensagens de aconselhamento sobre relacionamentos** – nessa categoria, as mensagens são voltadas para o campo dos relacionamentos, sejam eles relativos à amizade ou amor, tanto em suas conquistas como desilusões.

Diante de nossas considerações, buscamos traçar o perfil do jovem internauta, que para nós é o leitor que lê, compartilha e até mesmo produz as *mensagens compartilhadas*. Esse perfil será traçado a partir das representações das práticas de leitura que se encontram na produção tais *mensagens*, como as estratégias discursivas (seleção, formulação, adaptação, etc.) por que passam esses enunciados destacados de obras literárias, como também, nos comentários realizados pelos próprios leitores nas páginas que compõem nosso *corpus* de pesquisa. Também, é de nosso interesse verificarmos o funcionamento da autoria dessas “frases” peculiares, tal como concebida na obra de Michel Foucault, observando especialmente os comentários dos leitores que reconhecem, validam ou não a atribuição de autoria dessas mensagens.

Análise do Discurso e História Cultural de Leitura: conceitos mobilizados

Em nossa pesquisa, nos valeremos da articulação teórica entre a Análise do Discurso e a História Cultural, tendo em vista que ambas as teorias estudam a questão da leitura. Para tal, partimos de afinidades relativas ao fato de que tanto a produção dos textos quanto a sua interpretação não se tratam de gestos individuais e exclusivamente subjetivos, mas dizem respeito a práticas e a representações coletivas suscetíveis a injunções sociais, históricas e culturais, que regem toda e qualquer produção discursiva autorizando, impondo ou fomentando tanto o que dizer, as formas legítimas de dizer, as posições sujeitos a serem adotadas por aqueles que tomam a palavra, quanto os modos legítimos de interpretar e avaliar o que é dito, de se posicionar como autor e de exercer essa função segundo regras sociais, históricas e culturais específicas.

A Análise do Discurso de linha francesa, principalmente os textos de Michel Pêcheux (*Estrutura ou acontecimento*) e de Michel Foucault (*A ordem do discurso* e *O que é um autor*), será norteadora para nossa pesquisa. Partiremos também, da História Cultural da Leitura, onde os princípios preconizados por Roger Chartier serão fundamentais para emprendermos as representações de leitura que estão inscritas em nosso objeto de análise.

Para compreendermos o funcionamento das *mensagens compartilhadas*, o conceito de *enunciado* tal como concebido por Michel Foucault em *Arqueologia do saber*, é fundamental aqui. Ele não é tomado como as outras unidades tradicionais como a proposição (dos lógicos), a frase (dos gramáticos) e os atos de fala (dos pragmaticistas), diferentemente dessas unidades, o enunciado não se confunde exclusivamente com a unidade linguística, *stricto sensu*, isto é, não é linguístico ou verbal, mas também imagético.

O enunciado diz respeito à unidade mínima, a partir da qual é possível aceder ao *discurso*, à *formação discursiva*, ao *arquivo* sócio-histórico acerca de um dado tema/objeto simbólico. É por meio do enunciado, na análise de discursos, isto é de sua materialidade que atua como um indício dos discursos que se “autorizam”, que podemos identificar as coerções (a *ordem discursiva*) que atuam sobre todo dizer e sobre sua interpretação. O enunciado, logo, é tomado como um “átomo do discurso”, por ser “um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele” (FOUCAULT, 2008, p.90).

Uma das características do enunciado que nos é de extrema importância em nossa pesquisa, diz respeito à materialidade repetível do enunciado, isto é, o que permite a

possibilidade de sua repetição mesmo quando se trata de enunciados concretamente distintos. Nos enunciados destacados das obras literárias que circulam nas páginas do Facebook, embora possam ter uma materialidade idênticas, não significa que sejam o mesmo enunciado e que de algum modo apresentem o mesmo funcionamento e alcance, sua (re)produção e interpretação, não são pelas mesmas regras discursivas de antes, ou seja, seu funcionamento enunciativo discursivo se difere. Esses enunciados não possuem a mesma origem institucional e nem o reconhecimento de pertencimento institucional. De forma que, que esses enunciados destacados possam vir a ser produzidos e lidos segundos regras de um campo literário, e outro, que difere e se aproxima, como da autoajuda, a partir das formas de apropriação e de circulação virtual dessas *mensagens*.

Ainda no que diz respeito à composição dos enunciados das *mensagens compartilhadas* o conceito de *destacabilidade* tal como é manifesto em *Cenas de enunciação* de Dominique Maingueneau, nos é de extrema importância para a descrição e compreensão de seu funcionamento. Nos textos, emergem enunciados que gozam da condição de “destacabilidade” em relação a outros que figuram em um mesmo texto. Essa condição pode ser explicada por aspectos próprios das estruturas linguísticas desses enunciados, que dão a noção de completude, isto é, de independência formal (prosódia, rimas internas) e semântica (metáforas, antíteses, etc.), assim, se tornam mais facilmente destacados que outros enunciados que figuram no texto.

Os enunciados, em nossa sociedade, neste caso, dado a sua circulação, podem ser tomados como *fórmulas* “enunciados curtos, cujo significante e significado são considerados no interior de uma organização pregnante [...] o que [explicaria serem tão] facilmente memorizados.” (MAINGUENEAU, 2008, p.75). Seu funcionamento se dá de duas formas distintas, que explicitaremos brevemente aqui. O primeiro corresponde ao funcionamento como enunciado autônomo, no qual o sentido se estabelece de forma imediata e generalizante não exigindo que seus interlocutores sejam especialistas naquilo que é enunciado pela fórmula. Já o segundo corresponde, conforme nos diz Maingueneau, a um funcionamento dos enunciados como citações, que marca implicitamente, da parte daquele enuncia, uma posição específica que pode ser contrária ou favorável em relação ao que é enunciado pela fórmula.

No caso de nossa pesquisa, os enunciados pertencentes às *mensagens compartilhadas* possuem o primeiro funcionamento, pois seus leitores não são especialistas naquilo que é enunciado, tomando-os em uma chave de leitura da autoajuda e não literária (como a origem dos enunciados). Distancia-se do segundo funcionamento, à medida que, “as fórmulas citadas

[são utilizadas] para marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros” (MAINGUENEAU, 2008, p.75). Entendemos que essas fórmulas citadas são enunciados facilmente destacáveis, isto é, sua estrutura permite um fácil “deslocamento” do texto, diferentemente dos enunciados destacados de origem literária.

Dada a forma de composição das *mensagens compartilhadas* e as relações semântico-discursivas que podemos estabelecer entre os recursos imagéticos e recurso linguísticos que são empregados na construção dessas *mensagens*, se faz necessário a compreensão do conceito de *homologia* presente em *Problemas de linguística geral II* de Émile Benveniste, o que nos permite compreender as relações que são estabelecidas entre esses diferentes sistemas semióticos. Em Curcino (2010b), a autora discute e apresenta algumas relações de homologia e não-homologia que aparecem na construção de alguns textos sincréticos, como no caso de sua análise, na construção de textos contemporâneos que circulam na mídia impressa. Para Benveniste, a homologia, trata-se,

da relação que se pode estabelecer entre dois sistemas semióticos diferentes, atuando como um princípio unificador de valores semióticos ou criando novos valores. Ela pode variar significativamente dependendo da maneira como os dois sistemas são colocados juntos. (CURCINO, 2010b, p.3)

As relações de homologia, conforme nos explicita Curcino, são uma tentativa de “tradução” de maneira atrativa e orientada daquilo que seus enunciados verbais buscam transmitir para os enunciados imagéticos. Essa é uma estratégia recorrente nos textos midiáticos que noticiam os eventos nacionais e internacionais para o maior número de leitores possível. A exploração das relações de homologia, pela mídia neste caso, tem objetivos distintos, como aquele de facilitar o acesso, como também o controle dos sentidos que podem ser atribuído a uma imagem. Podemos observar que esse funcionamento também é recorrente nas *mensagens compartilhadas* tendo em vista que a escolha das imagens buscam a “tradução” do “sentido” expresso pelo texto linguístico.

No entanto, nessa tentativa de “tradução” do enunciado verbal no imagético, as relações de homologia podem ser distinguir de duas maneiras por meio de princípio de *diferença* ou da *analogia*:

ou seja, a co-presença de linguagens distintas em um texto pode, por um lado, ser baseada em uma espécie de “cooperação”, em que ambas se norteiem pelo princípio de tentar “enunciar” a mesma coisa (por exemplo, a imagem pode ratificar, confirmar, reafirmar, exemplificar o que foi enunciado verbalmente). [...] Por outro

lado, essas linguagens podem, na constituição de um texto e estabelecendo uma forma de cooperação outra, nortear-se pelo princípio da diferença e até mesmo da “contradição”. Assim, enunciarem coisas distintas embora se apresentem como elementos de uma totalidade textual. (CURCINO, 2010b, p. 3).

Nossa análise não contemplará somente *as mensagens compartilhadas*, como também, os comentários dos leitores presentes nas páginas que compõem nosso *corpus*. Os comentários desses leitores se diferem e se aproximam, principalmente, no reconhecimento ou na recusa da atribuição de autoria dessas *mensagens*. Em uma sociedade como a nossa, a autoria é de extrema importância até mesmo nos domínios fluidos da internet, onde, apesar da modificação de suporte dos textos, ainda são regras dos impressos que regem esse universo. Na rede, muitos textos circulam com a autoria difusa, o que suscitou pesquisas e livros que se dedicam a compreender o funcionamento dos direitos autorais na internet e também o exercício da autoria¹⁰. Para entendermos o funcionamento da autoria nesse espaço, nos apoiaremos na *função autor* como ela é descrita por Michel Foucault em *A ordem do discurso* e *O que é um autor* e também nas considerações realizadas por Roger Chartier em *O que é um autor? Revisão de uma genealogia* e *A ordem dos livros*.

Foucault na conferência ministrada a *Société Française de Philosophie* dedica-se a compreender as condições de circulação e produção que permitem, em um determinado momento, que os textos passem a reivindicar uma figura externa, “a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência” (FOUCAULT 1992, p.34), neste caso, o autor. Os textos, ao longo da história do Ocidente, circulavam sem que a “paternidade” lhes fosse concebida, partindo do princípio do conhecimento tomado como algo universal, isto é, de todos. No entanto, com a necessidade de “paternidade” dos textos, não se conferiu a um “autor”, mero “escritor”, mas sim àquele que é reconhecido como tal, “grande” autor, detentor de várias obras, renomado. Logo, como nos explicita Foucault 1992, se faz necessário entender o que denominamos por obra e escrita, e em que medida ela é crucial para a construção da figura do autor.

Tomando a noção de obra como todo material produzido por aquele que escreve, o que podemos considerar como obra de um determinado autor? Uma nota de lavanderia rascunhada faria parte desse universo? Foucault (1992) nos diz que tanto a palavra “obra” quanto sua designação são tão problemáticas quanto a individualidade do autor. A noção da escrita, também nos é problemática, tendo em vista que esta apaga os resquícios da inserção do

¹⁰ Sobre o funcionamento dos direitos autorais e o exercício da autoria, conferir, entre outros, Abreu (2013) e Rónai (2006).

sujeito autor nos textos, o que em alguma medida, nos permitiria investigar a “paternidade” dos textos.

Faz-se necessário frisar que esse nome do autor não é um nome próprio qualquer, isto é, não é apenas um elemento de língua, mas antes, exerce uma função discursiva e classificativa, o que nos permite reunir uma diversidade de textos, sob um determinado nome, permitindo que a delimitação, seleção e oposição a outros textos. A função do nome do autor, também possibilita a relação dos textos entre si, ou seja, permite que diversos textos de um mesmo autor conversem entre si. Portanto, podemos afirmar que o nome de autor é caracterizador de um discurso:

o facto de pode se poder dizer ‘isto foi escrito por fulano’ ou ‘tal indivíduo é o autor’, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto (FOUCAULT, 1992, p. 45).

Em nossa sociedade, principalmente nos comentários das *mensagens compartilhadas*, há a convivência de discursos que são providos da função autor e aqueles que são desprovidos. A diferença crucial que permite essa distinção está em ser “autor” (reconhecido, renomado, autor de obras) e em ser “escritor” (aquele que apenas escreve textos, mas não é reconhecido por um conjunto de textos atribuídos a ele). Em nossa pesquisa, buscamos compreender o que permite que se reconheça e tome como autor daqueles enunciados, autores reconhecidos e silencie-se, apaguem-se, os “escritores” que, em alguns casos, reivindicam a “paternidade” daqueles textos, isto é, compreender esse mecanismo voltado para os discursos e as instituições que permitem o reconhecimento e silenciamento.

As páginas de compartilhamento

Muitos são os sites que se dedicam a publicação de “frases” retiradas de livros literários, entrevistas, cartas, entre outros objetos de autores ilustres e reconhecidos no cenário nacional e internacional. Em nossa pesquisa, como já mencionamos, dedicamo-nos especificamente as *mensagens compartilhadas* oriundas do Facebook. Verificamos que há um número crescente de páginas que se dedicam a publicação de enunciados destacados, no entanto, para a composição de nosso *corpus* de pesquisa nos atentaremos a três páginas, a saber, *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*, *Caio*, *Tati e Clarice o que me*

diz? e *Trechos de livros*. Essas páginas estão disponíveis online pelo Facebook e sofrem constantes atualizações¹¹, isto é, há produção e postagem de *mensagens*, além de comentários dos leitores. Falaremos brevemente sobre as características de cada página a fim de justificar nossa escolha.

A página intitulada *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*¹² realizou sua primeira postagem em 20 de dezembro de 2011, tendo como proposta dedicar-se a postagem de mensagens compostas de frases atribuídas a esses dois autores que a nomeiam. Em 21 de dezembro de 2012, a página encerrou suas postagens contando com um arquivo de 1.278 *mensagens compartilhadas* publicadas. Dentre as páginas que se dedicam a esses dois autores consagrados, Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector, esta conta com a maior circulação possuindo 91.470 curtidas¹³.

Outra página que se dedica a esses dois autores contemporâneos é a página intitulada *Caio, Tati e Clarice o que me diz*¹⁴?, além da figuração de *mensagens* atribuídas a Caio e Clarice, a página também se propõe a compartilhar *mensagens* de Tati Bernardi¹⁵. A criação da página ocorreu em 24 de outubro de 2011, recebendo alimentação constante e conta, até o momento, com 5.627 mensagens publicadas. Esse número de publicações é bruto, sendo necessária uma triagem para que se obtenha o número efetivo de mensagens, depois de descartadas todas as publicações de mensagens repetidas, o que será realizado com todas as páginas presentes no *corpus*.

A última página que compõem nosso *corpus* não publica apenas *mensagens* atribuídas a esses três autores, mas também enunciados destacados de livros que possuem um relativo sucesso editorial, nomes consagrados de literatura, entre outros. *Trecho de livros*¹⁶ foi criada no Facebook em 2012, no entanto, figurava anteriormente em outra rede social, Twitter (final de 2011). A página conta com um arquivo de publicações de 7.292 *mensagens*, dentre as

¹¹ Apesar da página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector* ser atualizada de forma constante, as postagens não referem-se a enunciados atribuídos aos autores que a nomeiam. Portanto, em nossa análise optaremos por realizar uma seleção das *mensagens* no período de 20 de dezembro de 2011 a 21 de dezembro de 2012.

¹² Disponível em: www.facebook.com/mundodecaioeclarice Acesso em: 23 de mai. 2014

¹³ O número de curtidas no Facebook sinaliza a quantidade de usuários que seguem a página e também demonstram a partir deste ato sua simpatia pelo conteúdo postado.

¹⁴ Disponível em: www.facebook.com/pages/CAIO-TATI-E-CLARICE-O-QUE-ME-DIZ/236767866381944 Acesso em: 23 de mai. 2014

¹⁵ Tati Bernardi é escritora, blogueira e roteirista. Em sua conta no microblog Twitter (@tati_bernardi) escreve para 124 mil seguidores e também mantém seu blog (<http://www.tatibernardi.com.br/blog/>) há sete anos, o que possibilitou um amplo espaço de circulação para os seus textos. No cinema e na TV, respectivamente, se destacam o filme *Meu passado me condena* e a série *Aline* exibida pela Rede Globo.

¹⁶ Disponível em: www.facebook.com/TrechosDeLivrosPaginaOficial/timeline Acesso em: 23 de mai. 2014

páginas de nossa análise, esta é a de maior alcance contando com 1.021.184 curtidas de usuários do Facebook.

Como já colocado, nossa análise contemplará não apenas as estratégias de escrita na construção dessas mensagens (em especial, no que diz respeito aos enunciados verbais que as constituem), como também os comentários realizados sobre essas mensagens. Realizaremos o armazenamento do *corpus* em arquivos *offline*¹⁷, uma vez que se tratam de mensagens disponibilizadas na *internet (online)*, cuja existência é muito suscetível de apagamento da página pelo(s) administrador(es), quando julgarem necessário devido à falta de postagens ou até mesmo de repercussão, ou de polêmicas e problemas autorais no compartilhamento das mensagens.

Apontamentos futuros de “velhas” práticas em novos meios

Neste artigo, apresentamos algumas considerações iniciais de nossa pesquisa acerca das *mensagens compartilhadas* que circulam nesse novo meio que são as páginas das redes sociais, que nos permitiram observar tanto seu modo de constituição quanto a sua circulação, tendo em vista, que modifica o estatuto previamente estabilizado do impresso, como também, as estruturas internas que regem o controle sob o exercício da autoria.

A apropriação dos textos disponíveis nos ambientes online, isto é, o consumo desses textos, difere-se daqueles de outrora, conforme nos afirma Chartier (1999) “a revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler sobre um códex.”(p.100), ou seja, os leitores das *mensagens compartilhadas* leem de forma diferente (de modo fragmentado, por exemplo) dos leitores de obras impressas e isto se dá, não somente, pela modificação do objeto, mas também pelo seu suporte.

No entanto, as mutações não se encontram apenas nas formas de apropriação do texto e em sua leitura, como também, em sua produção e circulação. A questão da atribuição equivocada de autoria não algo apenas oriunda dos tempos da era digital, embora o compartilhamento de mensagens seja relativamente atual e ampliado pelas novas formas de produção e circulação de textos, o princípio do destacamento de enunciados e de constituição de frases é uma prática corrente em outros tempos e conhecida pelos humanistas e seus livros de lugares-comuns.

17 Realizamos a cópia (backup) dos arquivos de *mensagens compartilhadas* em pastas disponíveis em forma desktop, ou seja, em pastas que possam ser consultados à qualquer momento sem a necessidade de conexão à internet.

Os livros de lugares-comuns eram cadernos de anotações utilizados pelos humanistas para: “sempre que encontravam uma passagem interessante, copiavam o trecho num caderno, sob um título apropriado, acrescentando observações sobre a vida cotidiana.” (DARNTON, 2010, p. 164), de modo a compor um livro repleto de anotações interessantes de outros livros, acrescidos de “comentários” daquele que as selecionavam. A maioria dos enunciados que figuravam nesses livros eram de origem literária, cujo princípio de sua constituição era o de reunir os fragmentos ou citações de obras lidas em cadernos que eram organizados em temas e tópicos. Os produtores desses livros normalmente eram eruditos contratados por famílias aristocráticas para o acompanhamento dos estudos dos filhos dessas famílias.

Na publicação dos livros de lugares-comuns (só eram publicados os livros de grandes nomes) não se reconhecia como autor aquele a quem “pertencia” os enunciados destacados, mas àquele que realizava a seleção dos enunciados, que em certa medida, também sofriam modificações em sua estrutura original, conforme Darnton (2010), “os ingleses do início da era moderna” liam de forma fragmentada, saltando de um livro ao outro, de modo que dividiam os textos em fragmentos agrupando-os “em novos padrões ao transcrevê-los em seções diferentes de seus cadernos. Então reliam o que tinham copiado e recombinaavam os padrões à medida de que adicionavam mais excertos.” (p.164-165).

Observando esse modo de constituição dos livros de lugares-comuns, encontramos semelhanças com a prática de constituição das *mensagens compartilhadas*; o modo de seleção, destacabilidade e adaptação, são fatores que nos auxiliam na compreensão dessas duas práticas, que embora, ocorram em diferentes suportes e épocas nos permitem aproximações que serão enriquecedoras para nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A., S., C., de. **Políticas de autoria**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

BENVENISTE, E. Semiologia da língua. In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Ed. Pontes, 1989.

CARR, N. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. Aula inaugural do Collège de France. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.) **A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Editora Argos, (p. 249-285), 2011.

- _____. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia.** São Carlos: EdUFSCar, 2012.
- CURCINO, L. **Enunciado e sujeito em Michel Foucault.** In: I Ciclo de Estudos do Discurso: repensando conceitos e objetos na obra de Michel Foucault. Goiânia, 2010a.
- _____. Mutações do suporte e dos gêneros discursivos: mudanças da leitura ou dos leitores?. In: Vera Teixeira Aguiar; José Luis Ceccantini. (Org.). **Teclas e dígitos: leitura, literatura & mercado.** 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, (p. 1-20), 2010b.
- _____. Princípios de não-homologia entre o verbo e a imagem: breve análise de uma estratégia de escrita da mídia. In: **Revista ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, 40 (3): p. 1398-1407, set-dez 2011. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v3_t18.red6.pdf>. Acesso em: 12 de Jul. 2012.
- _____. Velhos *novos* leitores e suas maneiras de ler em tempos de textos eletrônicos. In.: **Revista ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, 41 (3): p. 1013-1027, set-dez 2012. Disponível em: <http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v3_t09.red6.pdf>. Acesso em: 15 de Set2013.
- DARNTON, R. Os mistérios da leitura. In: **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? Trad. António Fernando Cascais. 3ª ed. Vega, 1992.
- _____. **Arqueologia do Saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HÉBRARD, Jean. **Pode-se fazer uma história das práticas de leitura na Época Moderna? Os novos leitores revisitados.** Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf>>. Acesso em: 10 de Abr. 2009.
- MAINGUENEAU, D. A Citação e a destacabilidade. In: **Cenas da enunciação.** Curitiba: Criar Edições, (p. 72- 91) 2006.
- _____. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. In: **Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas.** V.6. 2011. Org: MOMESSO, M. R. SCHWARTZMANN, M. N., ABRIATA, V. L. R., FERREIRA, F. A., Franca, SP: Universidade de Franca, 2011.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento?.** 2a ed. Campinas / São Paulo: Pontes, 1997.
- RÓNAI, C. **Caiu na Rede:** Os textos da internet que se tornaram clássicos de Millôr Fernandes, Luiz Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor, João Ubaldo Ribeiro, Caetano Veloso, Jorge Luís Borges, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel García Márquez e muitos outros. Rio de Janeiro: Agir, 2006.